

Byron e Keats:  
Entreversos



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

*Byron e Keats:  
Entreversos*

TRADUÇÕES DE  
*AUGUSTO DE CAMPOS*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

B996b Byron, George Gordon, 1788-1824.  
Byron e Keats: entrevistos / Byron e Keats; traduções: Augusto de Campos.  
– Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

1. Poesia inglesa. 2. Literatura inglesa – História e crítica. I. Keats, John,  
1795-1821. II. Título.

ISBN 978-85-268-0844-7

CDD 821.7  
820.09

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia inglesa	821.7
2. Literatura inglesa – História e crítica	820.09

Copyright © by Augusto de Campos  
Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em  
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos  
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/ 7728  
[www.editora.unicamp.br](http://www.editora.unicamp.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
------------------	---

## BYRON

### *Childe Harold – Excertos*

<i>From Canto III</i> .....	20
Do Canto III .....	21
<i>From Canto IV</i> .....	24
Do Canto IV .....	25

### *Don Juan – Digressões*

<i>From Canto I</i> .....	30
Do Canto I .....	31
<i>From Canto II</i> .....	42
Do Canto II .....	43
<i>From Canto III</i> .....	46
Do Canto III .....	47
<i>From Cantos IV and V</i> .....	48
Dos Cantos IV e V .....	49
<i>From Cantos VI and VII</i> .....	50
Dos Cantos VI e VII .....	51

<i>From Canto VIII</i> .....	56
Do Canto VIII.....	57
<i>From Canto IX</i> .....	58
Do Canto IX.....	59
<i>From Canto X</i> .....	70
Do Canto X.....	71
<i>From Cantos XI and XII</i> .....	74
Dos Cantos XI e XII.....	75
<i>From Cantos XIII and XIV</i> .....	78
Dos Cantos XIII e XIV.....	79
<i>From Canto XV</i> .....	98
Do Canto XV.....	99
<i>From Canto XVI</i> .....	106
Do Canto XVI.....	107
<i>From Canto XVII</i> .....	122
Do Canto XVII.....	123

## KEATS

### *De Keats a Yeats*

DAS ODES DE KEATS À BIZÂNCIO DE YEATS.....	133
<i>Ode on a Grecian Urn</i> .....	140
Ode sobre uma Urna Grega.....	141
<i>Ode to a Nightingale</i> .....	146
Ode a um Rouxinol.....	147

<i>Ode on Melancholy</i> .....	154
Ode sobre a Melancolia.....	155
<i>Ode on Indolence</i> .....	158
Ode sobre a Indolência.....	159
<i>On first looking into Chapman's Homer</i> .....	164
Ao ler, pela primeira vez, o Homero de Chapman.....	165
<i>To Mrs. Reynolds' Cat</i> .....	166
Ao Gato da Sra. Reynolds.....	167
<i>From ENDYMION</i> .....	168
Do ENDYMION.....	169
PÓS-TRADUÇÃO	
DOS CANTOS DE BYRON AO GATO DE KEATS.....	171



## INTRODUÇÃO

UMA DAS POUCAS VANTAGENS da longevidade é a de poder reconfigurar conceitos e preconceitos, uma disposição que me fez reconciliar-me com poetas aparentemente tão distantes dos meus projetos juvenis de poesia como Rilke e Byron, por exemplo. Considero um privilégio ter sobrevivido para reavaliá-los e valorizá-los como merecem, e dedicar-me, apaixonadamente, a verter exemplos de suas obras mais inventivas para nossa língua sob a perspectiva da crítica criativa, da crítica-via-tradução.

Byron, tal como assimilado em nossa tradição literária — se excetuarmos certas produções que subvertem o lirismo sentimental, como os versos de “Spleen e Charutos” e “Idéias Íntimas” do juvenilíssimo Álvares de Azevedo e de outros poucos —, parecia-me, nos heróicos tempos de combate da poesia concreta, um entre outros símbolos do romantismo piegas, marcados com a imagem estereotipada do poeta aventureiro e confessional. Uma legenda padronizada, enfim, que a modernidade desautorara em prol de poetas considerados mais essenciais, e por isso mesmo até então marginalizados, como Hoelderlin ou Novalis, e, no âmbito da língua inglesa, o próprio Keats, que então se afigurava como o anti-Byron. A vertente lírica de Byron não deixava de favorecer essa interpretação menos positiva de sua obra. “Keats é raramente sen-

timental”, comentava Cleanth Brooks, em seu livro *Modern Poetry and the Tradition* (1948). Um dos mais prestigiados expoentes da Nova Crítica americana e dos estudos exegéticos conhecidos como *close reading*, o crítico publicara, em livro anterior, *The Well Wrought Urn* (1947), relevante ensaio a respeito da “Ode sobre uma Urna Grega”, por mim traduzido para o Suplemento Literário do *Jornal de São Paulo*, de 17 de setembro de 1950.

Tenho falado muito na “teoria dos erros corretos”, que desenvolvi a partir de um episódio que, segundo conta Luciano Berio, teria ocorrido com o legendário Thelonious Monk. Estranhamente aborrecido, após um de seus exitosos concertos, respondeu o pianista ao interlocutor que se admirara com o seu descontentamento: “I made the wrong mistakes”. O que supõe que haja erros “certos” e erros “corretos”.

É, em outros termos, o que Pound formulou com o seu “the Age demanded” — a Idade exigia — ou aquilo que ele chamou de “paideuma”: o elenco de idéias e obras básicas, prioritárias para a sua época. Nos anos 50, para renovar a poesia, não havia outra alternativa, ante o neo-romantismo encalistrado e o beletrismo conservador, subjetivo ou engajado, que grassavam entre nós. Sentíamos que o momento impunha uma regeneração de conceitos, um reequilíbrio ecológico para arejar o nosso ambiente poético, e isso nos fez colocar toda a ênfase nos autores-inventores, desconhecidos e destraduzidos no Brasil, com sacrifício de outros poetas, do presente e do passado, que admirávamos, como Rilke, Eliot, Lorca. Nesse rol se enquadrava, obviamente com menor esforço, um poeta como Byron, modelo, entre nós, do romantismo sentimental. Segundo a “teoria” que deduzi das expressivas palavras de Monk — o nada loquaz

pianista-compositor de jazz — entendo que foi um “erro certo”, pois sem essa radicalização necessária, não poderíamos clarear as coisas e dar o passo que demos para sacudir a nossa poesia da passividade e do convencionalismo recalcitrantes.

Foi a partir da “re-visão” do nosso poeta romântico-pré-modernista Sousândrade, que passei a prestar mais atenção em Byron, ao perceber que, diferentemente de outros românticos, o revolucionário poeta maranhense sobrepunha aos demais “Byrons” estereotipados o autor do *D. Juan*, dando-lhe um lugar privilegiado na seqüência satírica que Haroldo e eu denominamos de “O Inferno de Wall Street”, inserida no Canto VIII do seu *Guesa Errante* (renumerado para X, na edição mais completa, sob o título de *O Guesa*). Só então comeci a interessar-me pelo *D. Juan*, e neste, mais do que a narrativa pitoresca e picaresca, o que mais me impressionou foram as “digressões” que interceptam o discurso poético.

Byron não era um versejador qualquer. Era um artista do verso. Seu *D. Juan*, em XVII Cantos incompletos, contém perto de 2 mil estrofes em oitava-rima, ou cerca de 16 mil versos, no modelo de *Os Lusíadas* de Camões, com “quase o dobro da sua extensão”, como observou Jorge de Sena. Uma proeza poética considerável. Nem era Byron frouxo ou concessivo em sua linguagem. Seus versos são fluentes e perfeitos e suas rimas, para nem falar das paronomásias e assonâncias, são riquíssimas. *Split-rhymes* ou rimas leoninas, em que uma palavra rima com várias outras. No meu auto-irônico “Ad Augustum per Augusta” rimei “alucinada” com “a luz e nada”. Byron talvez não desgostasse. Agora rimo Homero com “só mero” e “sabe e os” com “sábios” e “Montaigne” com “ganhe” e com “vão e”, e até “arrh!” com “expressar” e “do que” com

“Fulke” para tentar fazer jus às suas jocosas e pouco ortodoxas sobre-rimas, que riem dos cânones e costumes.

Temperamento mais do que poético — po-ético. A briga com a censura percorreu-lhe a vida. Os primeiros cantos do *D. Juan* foram publicados anonimamente, sem autor nem editor, tal era o risco que corriam de ser confiscados pelas autoridades da época. E aos rogos do seu temeroso *publisher*, respondeu Byron, cortantemente, que não alterava nada. “*Don’t ask me to alter — for I can’t, I’m obstinate and lazy — and ther’s the truth.*”

Vejo-os hoje — a ele e a Keats — como opostos-complementares.

Byron, carnal e concreto, sarcástico, veraz, desmistificador, crítico da crítica, de si mesmo e do próprio mundo, moderníssimo em suas “digressões” colagísticas, que atropelam a narração, vertendo poesia em prosa e prosa em poesia em versos inauditos de rimas sintagmáticas. Precursor, em *D. Juan*, de Corbière e de Rimbaud e, sob certos aspectos, dos próprios *Cantos* poundianos.

Keats, internalizado, introvertido, metafísico, visionário da alma e da linguagem, perscrutando o mistério da vida e da morte em suas Odes e em seus poemas intertemporais e sobre-espaciais — o “sucessivo e arrebatado Keats”, tal como o descreve Jorge Luis Borges no esplêndido soneto em que o homenageou, aqui vertido para o português:

*Desde o princípio até a jovem morte  
A terrível beleza te espreitava  
Como a outros tantos a propícia sorte  
Ou a má. Nas auroras te esperava*

*De Londres, entre as páginas casuais  
De um dicionário de mitologia,  
Nas mais humildes dádivas do dia,  
Em um rosto, uma voz, ou nos mortais*

*Lábios de Fanny Brawne. Ó sucessivo  
E arrebatado Keats, que o tempo cega,  
Esse alto rouxinol, essa urna grega*

*São tua eternidade, ó fugitivo.  
Foste o fogo. Na pânica memória  
Já não és mais a cinza. És a glória.*

“Inventors”, a seu modo, e mestres-artífices, os dois, Byron e Keats. Para usar da bela equação de Edmund Wilson sobre os poetas simbolistas, o primeiro deles precursor da linha “coloquial-irônica”; o segundo, da “sério-estética”. As cores complementares se unem para formar uma nova cor.

Vingaram-se ambos da incompreensão do solo pátrio, buscando no solar mediterrâneo o refúgio ou a recuperação solares para encontrar no exílio, “fora do lugar”, o remate do jogo da vida na doença e na danação. É mais um traço que os une nos descaminhos certos dos seus desencontros errados.

BYRON, George Gordon, “Lord” (Londres, 1788 — Misolonghi [Grécia], 1824). Seu poema *D. Juan*, em 17 Cantos incompletos, foi publicado entre 1818 e 1823. Traduzi 100 estrofes, 800 versos. Parece muito mas é pouco: apenas 5% do *D. Juan*. O que ofereço à leitura não é uma edição crítica ou comentada, afazer útil e louvável, que não desprezo, mas que me poupo de cumprir, aos meus 78 anos. Que outros o façam. E que o leitor, quem sabe estimulado pelas minhas versões, procure nos locais adequados — sugiro por exemplo a edição da “Penguin Classics” de *D. Juan*, organizada por T. G. Steffan e W. W. Pratt, que é acessível e tem basicamente todas as notas necessárias para melhor compreender as referências e alusões e citações byronianas. Não me seria impossível, embora penoso e cansativo para a minha idade, transpor para este volume as “notúnculas embasbacantes” (expressão de Haroldo de Campos) que acompanham as edições de praxe, contando com o auxílio das notas compiladas naquele e noutros volumes de e sobre Byron, hoje uma instituição. Na era digital, a Internet ajuda muito, fornecendo informações minuciosas a quem o quiser, além de possibilitar o *download* do texto integral, anotado. Quanto a mim, limito-me à tentativa quase-impossível de tecnomediunizar a poesia de Byron para o português e fazê-la reviver em nossa língua. Atrevida e espirituosa, a narrativa em versos das peripécias amorosas de *D. Juan* é em si mesma crítica, expondo ao sol as falácias da sociedade de sua época. Mas são as subversivas “digressões” — os “subversos” de Byron — que mais interessam à perspectiva moderna. Por isso, no exemplário do *D. Juan* que apresento, prefiro concentrar-me, acima de tudo, nas estrofes digressivas, metalingüísticas, mais diretamente críticas e autoquestionantes.

Em seu livro de traduções, *31 poetas 214 poemas — Do Rígvæda e Safo a Apollinaire* (2ª ed. Editora da Unicamp, 2007), Décio Pignatari inclui um conjunto expressivo de traduções do *D. Juan*. São — com exceção creio que de dois casos — estrofes diferentes das que selecionei. Sempre que tomei conhecimento prévio de textos traduzidos por Décio ou Haroldo, tirei o time de campo, tal a excelência de suas recriações. Não refazer o que já foi feito bem ou melhor é para mim uma regra inteligente, embora não inflexível, de “economia processual”. Uma ou outra infração a essa norma, não pressentida por mim, pode ter ocorrido aqui e ali. Tomo-as como reverberações de um mesmo impulso tradutório. E espero que o leitor assim as acolha, tirando quem sabe algum proveito das nossas eventuais “bi” ou “triduições”, para usar uma expressão pignatariana. Têm elas, no fundo, análogos princípios — traduções poéticas, arte-subversivas e não litero-subservientes —, o que favorece a coexistência de diferentes interpretações dos mesmos textos.

O meu amor a Veneza me levou a incluir algumas das belas estrofes que o poeta, em seu poema narrativo anterior, *Childe Harold's Pilgrimage*, ou simplesmente *Childe Harold* (1812-1818), dedicou à cidade-fantasma; acrescento-lhes duas outras estrofes que antecipam, em clave lírica, as digressões explícitas de *D. Juan*. Introjetei no texto crítico que encerra este volume a solitária estrofe que extraí de *Beppo — A Venetian History* (1817), poema satírico em oitava-rima, antecessor direto do *D. Juan* e de suas digressões. É uma estrofe notável, não só pela beleza sonorista de sua construção como pelo ousado sarcasmo com que compara, desfavoravelmente, a extraordinária “língua franca” natal à musicalidade do idioma italiano.

KEATS, John (Londres, 1795 — Roma, 1821). Sua obra é aqui representada por quatro de suas Odes, dois sonetos e um pequeno fragmento do poema longo, *Endymion*. Dito assim, parecerão poucos textos. Mas que poemas são esses! Dentre eles, alguns dos mais belos da história da poesia. Republico o pequeno estudo que incluí no livro *Linguaviagem* (1989) para acompanhar a tradução de duas Odes [sobre uma Urna e a um Rouxinol], primeiramente divulgada pela heróica editora Noa Noa, de Cleber Teixeira, em 1984. Embora fulcrado no relacionamento estético entre poemas de Keats e Yeats, creio que esse pequeno ensaio pode servir de introdução às minhas reflexões sobre o autor das Odes. O que tenho agora a aditar sobre Keats e sua poesia vai nos comentários que intercorrem neste livro. Salvo que, ao acrescentar às minhas traduções de então as duas novas Odes — sobre a Melancolia e a Indolência —, recuso a concepção de alguns críticos de que esta última não estaria entre as “grandes Odes” do poeta. Preconceito ao tema, talvez, por menos nobre? A mim me parece ela ter a mesma grandeza que se atribui às demais. As quatro Odes foram criadas em 1819, quando o poeta contava apenas 23 anos. Os dois sonetos — “Ao ler, pela primeira vez, o Homero de Chapman” (1816) e “Ao Gato da Sra. Reynolds” (1818) — querem exemplificar as duas faces de Keats: a dominante, “sério-estética”, e a recessiva, “coloquial-irônica”, minoritária nele, evidente no Byron donjuanesco. O trecho inicial de *Endymion* (1817), que contém a famosa linha *A thing of beauty is a joy forever*, completa esta homenagem incompleta, mas que intenta “keatsanisar” o português poético. Não é sempre que se consegue chegar a alguma coisa que se pareça com a beleza do original. Prefiro a moderação das traduções escassas à complacência das versões totalizantes e diluentes.

À guisa de posfácio, o texto “PÓS-TRADUÇÃO — Dos Cantos de Byron ao Gato de Keats” acresce algumas observações que intentam sugerir traços de modernidade pouco enfatizados na obra dos dois poetas, assim como alguns “erros certos” e “errados” de sua recepção.

Confrontadas aqui, as poéticas de Byron e de Keats reemergem solidarizadas como contradições heurísticas da linguagem poética. Discórdias aparentes, ao cabo, concordantes e parentes. Interduções? Transduções?

*Augusto de Campos*

2009



BYRON

*Childe Harold – Excertos*

From CANTO III

72

*I live not in myself, but I become  
Portion of that around me; and to me,  
High mountains are a feeling, but the hum  
Of human cities torture: I can see  
Nothing to loathe in Nature, save to be  
A link reluctant in a fleshly chain,  
Classed among creatures, when the soul can flee,  
And with the sky, the peak, the heaving plain  
Of ocean, or the stars, mingle, and not in vain.*

113

*I have not loved the world, nor the world me;  
I have not flattered its rank breath, nor bowed  
To its idolatries a patient knee, —  
Nor coined my cheek to smiles, nor cried aloud  
In worship of an echo; in the crowd  
They could not deem me one of such; I stood  
Among them, but not of them; in a shroud  
Of thoughts which were not their thoughts, and still could,  
Had I not filed my mind, which thus itself subdued.*